

A VOCAÇÃO DA UNIVERSIDADE PÚBLICA CONTEMPORÂNEA A PARTIR DA CRÍTICA DE WENDY BROWN¹

FRANCIELE BETE PETRY

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

RESUMO: O presente artigo se dedica, em especial, ao exame de dois escritos de Wendy Brown sobre a vocação da universidade pública: *The Vocation of the Public University* (2017) e *Nihilistic Times: Thinking with Max Weber* (2023), analisando-os em diálogo com os diagnósticos sobre o neoliberalismo desenvolvidos pela autora desde a publicação de *Undoing the Demos: Neoliberalism's Stealth Revolution* (2015). Pretende-se mostrar como a crítica de Brown à cultura antidemocrática e niilista contemporânea captura as tensões presentes no Ensino Superior: ao mesmo tempo em que as universidades públicas contemporâneas se orientam pela racionalidade neoliberal dominante, seria possível construir formas para disputar essa hegemonia. Tal construção, como se destacará, reside, sobretudo, em conferir à universidade pública uma vocação que fortaleça as condições para a realização da democracia, ameaçada pelo neoliberalismo, o que exigirá repensar a noção de liberdade, assim como reconfigurar as esferas da política e da ciência.

PALAVRAS-CHAVE: Wendy Brown; Neoliberalismo; Universidade; Democracia.

INTRODUÇÃO

Desde os anos 2000 e, especialmente, com a publicação da obra *Undoing the Demos: Neoliberalism's Stealth Revolution*, em 2015, Wendy Brown se destaca no contexto das críticas ao neoliberalismo por sua interpretação desse fenômeno como uma racionalidade política. Sua crítica tem se ocupado, também, em refletir sobre as implicações do neoliberalismo na educação, especialmente no Ensino Superior. No centro das suas preocupações está a relação entre a universidade e a defesa da democracia, considerando a forma pela qual esse vínculo tem sido atacado pelo neoliberalismo. O presente artigo se dedica ao exame de dois escritos de Wendy Brown sobre a vocação da universidade pública: *The Vocation of the Public University* (2017) e *Nihilistic Times: Thinking with Max Weber* (2023), analisando-os em diálogo com os diagnósticos sobre o neoliberalismo desenvolvidos pela autora desde a publicação de *Undoing the Demos*.

Na primeira seção, será discutida a concepção de Brown, inspirada em Max Weber (2015), sobre a vocação da universidade pública na atualidade a partir da análise do texto *The Vocation of the Public University*. Tal concepção está relacionada à forma como a autora desenvolveu suas críticas ao neoliberalismo em *Undoing the Demos*. Porém, no texto analisado, Brown incorpora novos aspectos na sua concepção, como é o caso da financeirização, a qual passa a afetar, além da esfera econômica, as universidades públicas. A mudança no diagnóstico de Brown, que ganha destaque na sua obra de 2019, *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática*

no Ocidente, já traduzida para o português, impacta a compreensão da autora sobre as universidades públicas e sobre a relação dessas com a democracia. Na segunda seção do trabalho, as reformulações do diagnóstico de Brown sobre o neoliberalismo serão consideradas como base para a reflexão sobre a vocação da universidade contemporânea desenvolvida no seu livro *Nihilistic Times*.

Pretende-se mostrar, assim, como a crítica de Brown ao neoliberalismo e à cultura antidemocrática e niilista contemporânea captura as tensões presentes no Ensino Superior: ao mesmo tempo em que a organização, funcionamento e finalidades das universidades públicas contemporâneas se orientam pela racionalidade neoliberal, seria possível construir formas para disputar essa hegemonia. Tal construção, como se destacará, reside, sobretudo, em conferir à universidade pública uma vocação que fortaleça as condições para a realização da democracia, ameaçada pelo neoliberalismo, o que exigirá repensar a noção de liberdade, assim como reconfigurar as esferas da política e da ciência.

A IDEIA DE VOCAÇÃO DA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Dois anos após a publicação de *Undoing the Demos: Neoliberalism's Stealth Revolution*, Brown publica o texto *The Vocation of the Public University*, originalmente apresentado como uma conferência na África do Sul, em 2016, no livro intitulado *What is Education? An Anthology on Education* (2017). Esse texto foi republicado em 2019 na coletânea *The Idea of the University: Histories and Contexts*, organizada por Bhattacharya. Nele, Brown busca problematizar as finalidades da universidade pública contemporânea a partir das possíveis contribuições do conceito de vocação em Weber.

A ideia de vocação (*Beruf*) é analisada por Weber (2015) no contexto da ética protestante. Porém, em um sentido secularizado, com o qual ele trabalha, a vocação se refere a uma qualidade espiritual que se dirige a uma causa maior, para além de uma satisfação individual, e que mobiliza o indivíduo nessa direção, adotando uma determinada conduta ética para realizá-la. Segundo Brown, “para Weber, ter uma vocação genuína para algo significa ser compelido e dedicado ao valor mundano da atividade, juntamente com uma disposição para navegar e suportar as condições ou recompensas muitas vezes miseráveis por persegui-la” (Brown, 2019b, p. 44, tradução nossa). Considerando o processo de desencantamento e racionalização do mundo, a ideia de vocação marca uma oposição a ele e às suas tendências destrutivas, um “confronto com as condições existentes e uma forte rejeição delas como determinantes” (Brown, 2019b, p. 44, tradução nossa). É nesse sentido que Brown pretende recuperar tal conceito para visualizar formas em que as universidades públicas possam se contrapor às ameaças, especialmente, da racionalidade neoliberal.

Uma primeira observação que Brown faz sobre a relação da vocação com as universidades contemporâneas é a inversão existente entre o que se chama de “educação vocacional” na atualidade – a educação profissional – e o sentido de vocação weberiano. Para ela, “a ironia etimológica que enfrentamos hoje, como veremos, é que a vocação contemporânea da universidade pública é precisamente oposta às novas

formas de educação profissional que ela está sendo pressionada externamente a oferecer” (Brown, 2019b, p. 45, tradução nossa).

Para avançar, então, em um sentido diverso de vocação para a universidade pública contemporânea, Brown formula quatro considerações sobre tal noção: 1) uma atitude de paixão, sobriedade e respeito ao *ethos* do campo; 2) um comportamento que implica resistência a certas configurações históricas, de forma que se possa realizar algo sem se submeter completamente às condições existentes; 3) em um mundo capitalista em que predominam formas de racionalização, de burocracia e em que os valores vão se perdendo, é necessário proteger e articular a vocação, já que ela tende a ser corrompida; 4) a vocação é o que impulsiona uma atividade, tornando-a melhor ou mais valiosa. Para Brown, não faz sentido ser um acadêmico, por exemplo, sem paixão pela verdade ou pelo entendimento (Brown, 2019b, p. 47).

Antes de defender sua concepção sobre a vocação da universidade pública, Brown apresenta seu diagnóstico sobre a situação presente. Muitos aspectos discutidos aparecem em escritos anteriores da autora (2011a; 2011b), sobretudo na obra *Undoing the Demos*, e dizem respeito à influência neoliberal sobre as universidades, como, por exemplo, a privatização da universidade pública no sentido de as atividades passarem a se orientar pelo mercado e pela necessidade de atrair financiamento; a cobrança de altas taxas que estratifica o acesso de estudantes às instituições; a dissolução da concepção de educação para a formação democrática em detrimento da profissionalizante; a separação entre o ensino e a pesquisa, etc. (Brown, 2019b, p. 48). Porém, Brown chama a atenção para um fenômeno que ganha lugar nos últimos anos, qual seja, o da financeirização. Ele estaria associado, principalmente, ao mecanismo dos *rankings*, que, para além do sentido técnico, “[...] designa o crescimento recente dramático e a importância do setor financeiro – sistema bancário [*banking*], gestão de ativos, seguros, capital de risco e derivativos – relativo à economia como um todo” (Brown, 2019b, p. 49, tradução nossa). A financeirização significaria que as universidades não somente seriam capturadas pelo processo de economização neoliberal, mas que elas seriam

[...] menos governadas pelo retorno do investimento ou pelo “lucro” [*“the bottom line”*] do que pela sua atratividade aos investidores – estudantes, professores, doadores, parceiros, credores e mesmo estados. Essa atratividade é registrada por uma abundância de *rankings* e classificações [*ratings*] pelos quais as universidades e todos os programas e nichos dentro delas são, portanto, necessariamente obcecados (Brown, 2019b, p. 50, tradução nossa).

Se no diagnóstico anterior de Brown as práticas acadêmicas eram compreendidas em sua orientação pela lucratividade, agora, com o processo de financeirização, elas são governadas pelos *rankings*, os quais, por sua vez, baseiam-se no caráter especulativo sobre o possível valor que pode ser gerado às instituições, condizente com a ideia de valor de acionistas. Como consequência, confundem-se as missões da universidade no que diz respeito ao ensino e à pesquisa, o que provoca a separação entre essas esferas (Brown, 2019b, p. 51). Os *rankings*, segundo Brown, passam, assim, a orientar as práticas acadêmicas em geral: estudantes, docentes, currículos, campos de investigação, contratações, programas, parcerias, ou seja, os diferentes âmbitos da universidade são regulados pelas métricas classificatórias. Essas

são empregadas para a avaliação da produtividade docente, do valor das suas publicações e influenciam, ainda, a definição de objetos de pesquisa. Para a autora,

A governança das disciplinas, dos acadêmicos e dos estudos [*scholarship*] pelos *rankings* desencoraja a pesquisa engajada com os problemas públicos ou escrita para um público instruído como oposta à pesquisa valorizada pelas disciplinas, pelas suas revistas e pelas suas agências de classificação. Os *rankings* disciplinares também dissuadem a interdisciplinaridade criativa tão essencial para os nossos tempos e seus problemas (Brown, 2019b, p. 52, tradução nossa).

A regulação da pesquisa por critérios que se originam na esfera econômica provoca, portanto, um distanciamento entre a prática acadêmica e sua dimensão pública, o que se reflete também no ensino que, como Brown já havia indicado anteriormente (2011a; 2011b; 2015), volta-se mais à profissionalização do que à educação democrática. A combinação entre a privatização neoliberal e a financeirização é, para Brown, “a condição fundamental das universidades públicas hoje” (Brown, 2019b, p. 54, tradução nossa). E é a partir dessa situação que a autora formulará sua concepção sobre a vocação que a universidade pública contemporânea precisaria articular para se contrapor ao neoliberalismo.

A vocação da universidade pública no século XXI, para Brown, consistirá em dois elementos. O primeiro é o de que a pesquisa e a educação se voltem para questões que constituem problemas e desafios do mundo atual (Brown, 2019b). A autora elabora várias sugestões sobre quais temas seriam fundamentais atualmente, tais como o crescente aumento das desigualdades globais, a mudança climática, formas econômicas e políticas alinhadas à democracia, etc.. Porém, a autora destaca que não são os temas ou disciplinas que determinam exatamente se essa vocação se realiza, mas o impulso que gera o compromisso da pesquisa e da educação com os problemas que a humanidade tem enfrentado. Tal compromisso, embora de ordem prática, ligado à própria possibilidade de visualizar um futuro sustentável, não se reduz a soluções técnicas, já que os conhecimentos humanistas também são necessários para a reflexão sobre os desafios do mundo contemporâneo. Para Brown, o foco nas questões públicas, tanto no âmbito da pesquisa, quanto no ensino, exige que as universidades públicas não se subordinem ao tipo de conhecimento valorizado no contexto da racionalidade neoliberal. Segundo a autora, esse foco

[...] se concentra, em vez disso, nas dificuldades identificadas com a sobrevivência planetária e das espécies, com a desintegração ou usurpação das democracias, com formas de existência minimamente decentes e modestamente igualitárias e livres, e no conhecimento necessário para sondar, historicizar, provar, narrar, ilustrar e abordar essas coisas (Brown, 2019b, p. 54, tradução nossa).

A segunda dimensão da vocação da universidade pública se relaciona ao compromisso com aqueles que foram historicamente excluídos: “as universidades

PETRY, F. B.

públicas devem ser completamente dedicadas a educar e incluir em seus grupos de pesquisa aqueles historicamente excluídos em virtude de castas, classe, religião, região, raça, etnicidade, gênero e corpo” (Brown, 2019b, p. 56, tradução nossa). Para a autora, essa dimensão da vocação se justifica por uma série de razões: a importância da reparação histórica dos grupos excluídos, da sua integração social e intelectual; a necessidade de superação das desigualdades e das hierarquias sociais, bem como de produção de conhecimentos de forma democrática e diversa, desafiando os padrões brancos e masculinos, que auxiliem a combater tais desigualdades e exclusões; a necessidade de promover a igualdade de oportunidades combinada a uma verdadeira meritocracia; o valor de uma inteligência educada e ampliada a todos (Brown, 2019b). Essa vocação se realizaria, portanto, por meio de uma oposição ao predomínio dos *rankings* como critério regulador das práticas que são instituídas nas universidades públicas, uma vez que eles próprios produzem, segundo a autora, “um conservadorismo profundo nos valores e escolhas, reproduzindo hierarquias sociais existentes, juntamente com métodos e critérios de excelência convencionais” (Brown, 2019b, p. 57, tradução nossa).

Ambos os aspectos constituintes da vocação da universidade pública almejam dar a ela um caráter efetivamente público, produzindo um conhecimento que contribua para a superação dos problemas graves que acometem a sociedade, nas suas mais variadas esferas, promovendo um acesso igualitário a essa produção e formação. Brown ressalta que a universidade pública, embora realize outras atividades relevantes, como a formação técnica para profissões e o desenvolvimento de pesquisas aplicadas para fins comerciais ou não-comerciais, não possui tais objetivos no centro da sua vocação como instituição pública, até mesmo porque eles poderiam ser alcançados sem a necessidade de uma instituição como a universidade (Brown, 2019b, p. 57).

No texto *The Vocation of the Public University*, Brown é mais enfática do que nos seus escritos anteriores ao apontar para o modo pelo qual as universidades públicas poderiam estabelecer compromissos com a democracia, opondo-se à influência neoliberal. É interessante notar que no seu livro *Nas ruínas do neoliberalismo*, também publicado em 2019, a autora não dedica uma atenção detalhada ao tema da educação, limitando-se a considerar essa esfera entre outras que são afetadas pela ascendência da razão neoliberal. Entretanto, a nova abordagem que a autora apresenta no livro, como será visto adiante, que procura explicar a dimensão moral dentro do desenvolvimento neoliberal, contribui para a compreensão dos ataques da direita às universidades norte-americanas: “enquanto a esquerda luta para articular os vários poderes que geram sujeitos sociais construídos e posicionados de modos diferentes, a direita esmaga essa luta com um discurso que reduz a liberdade à censura e à coerção” (Brown, 2019a, p. 55). Esse ataque às universidades e à educação compõe o projeto neoliberal de dissolver o âmbito do social e do político, espaço em que seria possível lutar por justiça social e pela própria democracia. Discutir a educação e, especificamente, o compromisso das universidades públicas com a democracia, irá exigir, assim, uma compreensão sobre as transformações da própria política no contexto neoliberal. Isso ficará explícito na forma como Brown aprofunda e também modifica elementos do seu diagnóstico a partir do livro *Nas ruínas do neoliberalismo*, situando as universidades no contexto de disputa da hegemonia neoliberal.

A VOCAÇÃO DA UNIVERSIDADE PÚBLICA EM TEMPOS NIILISTAS

No ano de 2023, Brown lança o livro *Nihilistic Times: Thinking with Max Weber*, no qual novamente estabelece um diálogo com o sociólogo alemão para refletir sobre os desafios à democracia na sociedade contemporânea, especialmente, a partir das conferências dedicadas à vocação da política e da ciência. A obra dá continuidade ao diagnóstico sobre o neoliberalismo apresentado no livro anterior, *Nas ruínas do neoliberalismo*, porém, também reformula alguns dos seus elementos, com destaque para a forma como poderia ocorrer uma oposição ao neoliberalismo. Em *Nihilistic Times*, tal oposição se dá de maneira diferente no campo da política e no contexto acadêmico. Antes de passar a essa análise, é importante examinar as linhas principais da crítica ao neoliberalismo e à cultura antidemocrática que a autora desenvolve no livro anterior.

Em *Nas ruínas do neoliberalismo* (2019), Brown apresentava ao final do livro o diagnóstico de que o neoliberalismo aprofundaria traços niilistas presentes na cultura, dificultando a defesa de valores alternativos à racionalidade neoliberal. Nessa obra, a autora revê sua posição anterior, defendida em *Undoing the Demos*, de que o elemento moral observado na sociedade contemporânea seria uma racionalidade distinta da racionalidade política neoliberal. Brown passa a identificar no próprio desenvolvimento neoliberal uma associação entre os princípios do mercado e da moral. A partir da análise de teorias neoliberais como as Friedrich Hayek e Milton Friedman, a autora defende que o neoliberalismo realmente existente constitui uma espécie de criação “frankensteiniana”, marcada pela conjunção de forças e efeitos acidentais que o tornam um fenômeno inédito (Brown, 2019a, p. 19). Ativando elementos afetivos, o neoliberalismo será compreendido pela autora por meio da sua vinculação à emergência de uma cultura antidemocrática.

Para Brown, a defesa do mercado e da moral como ordens espontâneas que fariam avançar a liberdade individual e o desenvolvimento da civilização, pensamento que se encontra em Hayek (1983; 1985 apud Brown, 2019a), ganharia forma no neoliberalismo realmente existente no ataque ao âmbito do social e político, esferas em que justamente seria possível articular princípios de justiça social e lutar pela igualdade política. De acordo com Brown,

A igualdade política é a base da democracia. Todo o resto é opcional – das constituições à liberdade pessoal, de determinadas formas econômicas às instituições políticas específicas. Somente a igualdade política assegura que a composição e o exercício do poder sejam autorizados pelo todo e sejam de responsabilidade do todo. Quando a igualdade política está ausente, seja por exclusões ou privilégios políticos explícitos, pelas disparidades sociais ou econômicas extremas, pelo acesso desigual ou controlado ao conhecimento, ou pela manutenção do sistema eleitoral, o poder será inevitavelmente exercido por uma parte, em vez do todo. O *demos* deixa de governar (Brown, 2019a, p. 33, grifo da autora).

PETRY, F. B.

O ataque promovido pelo neoliberalismo ao social e ao político, ao comprometer a possibilidade da igualdade política, produziu também uma cultura antidemocrática. Para a autora, não ocorre apenas uma ressignificação de tais âmbitos segundo a racionalidade econômica, mas a própria democracia é demonizada e afastada dos “padrões de veracidade, razoabilidade, responsabilidade e da resolução de problemas por meio da compreensão e da negociação das diferenças [...]” (Brown, 2019a, p. 107). A defesa da liberdade individual, apartada do social e da política, e amparada na moralidade tradicional, aparece na cultura antidemocrática emergente. Elementos da religião e da família, como a hierarquia, exclusão, fé, lealdade, autoridade, segundo Brown, ganham um caráter público e a nação vai se tornando, dessa maneira, privatizada e familiarizada (Brown, 2019a, p. 142). Como consequência, diz Brown, a expansão da “esfera pessoal protegida em nome da liberdade, então, não apenas assegura poderes desigualitários de classe, gênero, sexualidade e raça; ela gera uma *imago* e um *ethos* da nação que rejeitam a ordem pública, plural, secular e democrática em nome da ordem privada, homogênea e familiar” (Brown, 2019a, p. 144, grifo da autora).

O diagnóstico de Brown em *Nas ruínas do neoliberalismo* aponta, também, para o fenômeno do ressentimento, fatalismo e niilismo que se destacam nesse contexto. O último, especialmente, não se configura em termos de falta de valores, mas de sua instrumentalização, trivialização e hiperpolitização, processos que são aprofundados pelo neoliberalismo. Isso porque os valores perdem seus fundamentos, sejam racionais ou religiosos, tornando-se objetos de fácil instrumentalização em um contexto no qual novos poderes surgem, “[...] poderes criados pelos humanos que rebaixam o humano [...]” (Brown, 2019a, p. 200).

Como resposta afetiva à dinâmica neoliberal e aos demais poderes que atuam conjuntamente, emerge uma subjetividade ressentida e niilista. Operando na forma de processos de dessublimação, a consciência perde sua força de atuação contra a vontade e pulsões individuais, sem produzir autonomia ou uma melhor compreensão sobre a realidade. No contexto neoliberal, isso se traduziria em um comportamento desobrigado socialmente, já que também os âmbitos do social e do político são alvos de ataques. A conclusão de Brown é a de que essa dinâmica ajuda “[...] a compreender a quantidade e a intensidade da agressão que transborda da direita, especialmente da *alt-right*, em meio à sua afirmação frenética da liberdade individual” (Brown, 2019a, p. 206). Isso se intensifica, principalmente, com mudanças sociais que significaram um destronamento do poder, questionando privilégios históricos, como a branquitude ou a masculinidade. Mas não somente com essas mudanças, pois, para Brown, o niilismo aumenta de proporção na medida em que os seres humanos são rebaixados pelos poderes por eles mesmos criados. Tais poderes negam a possibilidade de os indivíduos governarem a si “[...] num mundo que reflete a humanidade como aquela que trouxe a espécie a uma miséria sem precedentes e o planeta à beira da destruição” (Brown, 2019a, p. 221).

Essa discussão será retomada em *Nihilistic Times*, em que Brown procura repensar as esferas da política e da ciência como possibilidades de enfrentamento ao niilismo. Em vez de tratar a política como um âmbito de disputa racional, Brown defenderá que a disputa da hegemonia neoliberal acontece nessa arena cuja característica é a indecidibilidade e a contestação de valores. Por isso, a ideia de vocação

de Weber (2015) será fundamental, já que o carisma associado à força motivadora que leva o político responsável a defender sua causa pode levar outras pessoas a aderirem às suas visões. Para Brown, uma melhor compreensão do que é próprio do campo da política auxilia a defesa da democracia, que é a única organização política a comportar a responsabilidade dos seres humanos pela viabilidade do futuro. Nesse sentido, as qualidades aliadas nessa luta não são encontradas apenas nos líderes políticos responsáveis, mas em “qualquer pessoa que se preocupa com a vida política, com a justiça ou com a futuridade” (Brown, 2023, p. 52, tradução nossa).

Em *Nihilistic Times*, Brown também discute a importância de se repensar o sentido da liberdade, já que essa, no contexto neoliberal, tem se realizado em uma dimensão privada, individual e desconectada da sociedade. Ao reconfigurar o âmbito da política, abre-se espaço para a criação de valores comuns, ligados a uma sociedade democrática e responsável em relação ao futuro, também em termos ecológicos, já que a emergência climática se apresenta como um grande desafio a ser enfrentado. Assim, afirma Brown, “quando vivemos de acordo com o que conscientemente valorizamos ou pelo que nos sentimos chamados, estamos de certo modo vivendo livremente, mesmo em meio a condições difíceis ou limitadoras” (Brown, 2023, p. 50, tradução nossa).

Outro aspecto importante dessa obra é a separação entre as esferas da política e da ciência. A política não é, para Brown, um espaço de debate acadêmico (Brown, 2023) e a luta pela democracia não deveria assumir a posição de que os obstáculos à emancipação se reduzem à questão de uma falsa consciência, quando, na verdade, envolvem também desejos, os quais precisam ser educados:

Essa educação se torna extremamente importante quando nós abandonamos a pretensão de que os nossos valores sejam verdadeiros e os de nossos oponentes, falsos, de que os valores políticos são um problema de descoberta mais do que de legislação, e de que tanto a razão quanto os interesses irão naturalmente combater a sedução do autoritarismo ou da chicanice, das supremacias insustentáveis da espécie, raça ou gênero, ou de versões de liberdade niilistas (niilistas porque elas não servem à vida em qualquer sentido) (Brown, 2023, p. 57, tradução nossa).

Tal será o problema enfrentado por Brown: como a educação e as universidades públicas se situam nesse contexto político e cultural antidemocrático e niilista em que é necessário, a fim de defender a democracia, disputar a hegemonia liberal? Ou, ainda, como as universidades podem defender a democracia sem se transformarem em uma arena política? O diálogo com Weber, especialmente a partir das conferências que compõem *Ciência e política: duas vocações* (2015), permitirá a Brown visualizar possibilidades de resposta a essa questão. Porém, tal diálogo também traz dificuldades, já que se, por um lado, Brown endossa o sentido de vocação atribuída por Weber ao líder político, vinculada ao elemento carismático, a do acadêmico terá que ser reformulada. Ao refletir sobre as finalidades da universidade contemporânea, especificamente na parte do livro dedicada à ciência – entendida de forma ampla, como

PETRY, F. B.

conhecimento acadêmico –, Brown terá que enfrentar algumas dificuldades decorrentes das diferenças entre suas posições e aquelas defendidas pelo sociólogo alemão. Na medida em que ela pretende atribuir à universidade contemporânea uma vocação pública capaz não apenas de combater o niilismo, mas de promover uma educação democrática abrangente, desafiando a hegemonia neoliberal, a forma como Brown analisa as ideias de Weber, concernentes ao papel da ciência, será mais negativa do que quando investiga as contribuições do autor em relação ao campo da política.

Essa leitura negativa também se fará presente na abordagem sobre os limites entre as esferas da política e da ciência. Enquanto a delimitação da primeira é considerada importante por Brown, já que é compreendida como enfrentamento ao niilismo, a da ciência tem um resultado ambivalente. Segundo Brown, os esforços de Weber na conferência *Ciência como vocação* são os de

[...] resistir aos efeitos do niilismo no conhecimento e na academia, um projeto que se baseia na despolitização e secularização dos estudos, e um projeto que em última instância falha tanto porque tal purismo é impossível e porque mesmo que ele resista a alguns efeitos niilistas, intensifica outros (Brown, 2023, p. 60, tradução nossa).

Por essa razão, Brown reformula as posições weberianas a fim de possibilitar que o contexto acadêmico – mas também a própria educação – seja espaço de transformação social. Não cabe aqui reconstruir de modo detalhado a análise de Brown sobre as ideias de Weber. De forma sucinta, podemos destacar alguns elementos que são importantes para os objetivos teóricos da autora. Ela procura mostrar que a tentativa de Weber foi a de proteger o conhecimento acadêmico de interferências políticas que provocassem sua instrumentalização. Porém, para tanto, ele acaba por intensificar o processo de racionalização nessa esfera ao colocar limites ao conhecimento (Brown, 2023), o qual deveria ser neutro em relação aos valores. Esses podem ser objeto de análise, de interpretação, mas não de atribuição de verdade. Para Brown, essa formalização dos valores é a “fronteira final do desencantamento” levada a cabo por Weber (Brown, 2023, p. 78), pois eles se convertem em foco de escrutínio, perdendo seus potenciais normativos como força motivadora da humanidade.

Assim, tanto o potencial do conhecimento é limitado, quanto a atuação dos professores é submetida a exigências de imparcialidade. O acadêmico sofre uma “castração do intelecto” (Brown, 2023, p. 80). Se a ideia de vocação é central na atuação do líder político e promove uma espécie de reencantamento do mundo por meio da defesa e da luta por valores, a vocação ligada à figura acadêmica é ascética e estaria implicada na própria origem do niilismo, pois, tal como Nietzsche havia apontado, segundo a leitura de Brown, esse controle sobre a subjetividade e sobre a vida do espírito, que retira sua grandeza intelectual, é o impulso niilista que nasce do ascetismo (Brown, 2023). Na visão da autora, “mais do que meramente proibir um regime de inanição espiritual-intelectual, Weber constrói uma câmara de tortura para o homem com a vocação para o conhecimento” (Brown, 2023, p. 81, tradução nossa). A atitude do acadêmico, então, expurga da subjetividade toda aquela força que Weber concede ao líder político. Ela demanda retidão espiritual, ausência de gratificação emocional e de paixões, despersonalização e objetividade. De acordo com Brown,

[...] em contraste, então, com sua construção da *vocação* para a política, a qual é posicionada contra as forças predominantes em seu tempo, Weber traça a vocação do acadêmico em um firme acordo com a racionalização e com o desencantamento, com a destruição de valores e com os mecanismos de dominação construídos a partir da racionalidade calculadora. Longe de contestá-los, o esforço acadêmico os amplifica com seus compromissos com a especialização, objetividade, método e imparcialidade [*dispassion*]. Assim, Weber corta decisivamente o vínculo iluminista do conhecimento com a emancipação e dá adeus, ainda, ao ideal humboldtiano das universidades como construtoras da cultura. Ele também impede a academia de práticas de diagnosticar males sociais ou crises, um trabalho que nós identificamos com a teoria crítica e com a produção de conhecimento crítico (Brown, 2023, p. 84, tradução nossa, grifo da autora).

Nessa passagem, Brown chama a atenção para o modo como Weber compreende a prática acadêmica, que está em oposição aos ideais do esclarecimento e à ideia de universidade moderna concebida por Humboldt. Para esse, a força do espírito do homem encontraria no conhecimento e na formação (*Bildung*) um desenvolvimento que poderia exceder o âmbito individual, promovendo também a cultura moral da nação (Humboldt, 2006). Para que esse desenvolvimento ocorra, é necessária a liberdade e, nesse sentido, Humboldt se ocupou, igualmente, de pensar sobre limites capazes de proteger a liberdade acadêmica (2009). O problema de Weber, segundo Brown, é que a tentativa de proteger a ciência tornou-a estéril em relação à possibilidade de ela contribuir para o desenvolvimento da sociedade, para a produção de um conhecimento crítico e para a formulação de diagnósticos sobre os problemas que afetam a humanidade. Segundo a autora, esse conhecimento é

[...] tão compartimentado pela disciplina e tão retirado do mundo que tem pouca relevância para as crises de habitabilidade planetária, humanidade e democracia que enfrentamos. Weber viu a escuridão à frente, mas seu caminho para conter as destruições nihilistas do conhecimento e da verdade nos levaram diretamente a ela (Brown, 2023, p. 84).

A contribuição da ciência e, em específico, das Ciências Sociais, passa a se restringir à discussão comparativa e histórica sobre os valores e ao modo como eles se relacionam, conhecimento esse que pode auxiliar estudantes na decisão sobre quais valores escolherão. Brown ressalta que a postura de enfrentamento ao nihilismo de Weber envolve, justamente, afirmar a falta de sentido, conceber a falta de fundamentação racional dos valores para, perante esse *status* contingente, haver uma decisão sobre eles (Brown, 2023). Assim, a ciência fornece as informações objetivas necessárias para tal decisão, embora essa não seja uma decisão científica. De acordo com Brown, “o único propósito ético para o qual o professor ou acadêmico pode ser útil, Weber afirma, é ajudar um estudante a ter clareza sobre o ‘o sentido último de [suas]

PETRY, F. B.

próprias ações” (Brown, 2023, p. 88, tradução nossa). Indiretamente, a ciência também pode subsidiar a disputa entre os valores que ocorre na esfera política, porém não na sala de aula.

Claramente, essa defesa de Weber é problemática para Brown, que pretende defender o papel crítico da academia em relação ao modo como a sociedade se organiza e que exige, em última instância, uma tomada de decisão de caráter político na medida em que se compromete, por exemplo, com a luta contra as injustiças sociais. Além disso, como ela aponta, uma prática acadêmica que se exime da crítica, de proporcionar sentidos, verdade e prescrições para os problemas existentes, tampouco pode contribuir para a elucidação e oposição aos poderes que afetam a vida e que, na atualidade, ameaçam a democracia. Para Brown, Weber “[...] manteve a educação em grande parte irrelevante para a transformação política, impedindo suas sinergias com os movimentos de massa e dificultando suas capacidades de desenvolver os desejos e demandas de tais movimentos” (Brown, 2023, p. 91, tradução nossa). Com isso, a educação perde seu potencial de formação para a cidadania, algo que é central para Brown nas suas análises sobre como se opor ao neoliberalismo.

Também a oposição entre fatos e valores defendida por Weber é criticada por Brown, uma vez que tal oposição “[...] ignora como os valores adquirem sentidos e valências por meio das racionalidades e discursos específicos historicamente que eles intersectam, e como, na medida em que são atualizados, outros propósitos e projetos podem transformá-los” (Brown, 2023, 93, tradução nossa). A interpretação dos fatos, por sua vez, não poderia se reduzir ao exame lógico e relacional entre eles e deveria incorporar a genealogia e a análise do discurso a fim de compreender como os poderes também os constituem:

[...] nós devemos também ensinar os estudantes sobre a facticidade, sobre como os fatos surgem e adquirem legitimidade como fatos. Nós devemos introduzi-los às complexidades e às teorias contestadoras de como os fatos são constituídos e interpretados, às suas dimensões inescapavelmente históricas, sociais, discursivas e hermenêuticas, à sua não-isolabilidade uns dos outros e à sua falta de sentido intrínseco” (Brown, 2023, p. 95, tradução nossa).

Apesar das críticas que Brown faz a Weber, a autora mostra que há aspectos a serem levados em consideração na atualidade para nos ajudar a melhor compreender o presente e a enfrentar os desafios que ele nos apresenta. Um deles é, por exemplo, o estabelecimento dos limites entre o campo da política e o da ciência. A primeira é o espaço em que há luta por valores, em que pesa na disputa elementos não racionais, por isso, a importância do carisma como qualidade que motiva as pessoas a certas causas. Isso não acontece, ou não deveria acontecer, segundo Brown, na academia, em que os valores devem ser investigados, analisados, criticados; em que a formação deve levar à reflexão sobre eles (Brown, 2023). Isso não significa, porém, que o conhecimento acadêmico não possa informar as lutas políticas. A questão é a de que, na política, o valor assume a qualidade de uma causa, enquanto na academia, ele é objeto de reflexão (Brown, 2023).

Assim como Brown quer preservar a academia da política, ela também a quer protegida de outras forças, como a do mercado. De acordo com ela, “preservar o campo

acadêmico para a relativa autonomia e integridade do pensamento, na verdade, para o próprio pensamento, significa resistir tanto à hiperpolítica do conhecimento quanto à sua estruturação por relações de dependência política econômica [...]” (Brown, 2023, p. 98, tradução nossa). A proteção do conhecimento acadêmico passa, portanto, por essa delimitação inspirada em Weber, buscando conferir-lhe certa independência, não em relação à sociedade, mas às determinações que podem retirar seu potencial crítico, especialmente, em um momento no qual ele é tão necessário para fortalecer a democracia contra o ataque neoliberal. Para Brown,

[...] a especialização e profissionalização acadêmica, a substituição do apoio público pelo privado à pesquisa e as pressões neoliberais na universidade por resultados de mercado imediatos desviaram a pesquisa e o ensino de objetivos públicos e mundanos precisamente quando as crises do nosso tempo demandam o oposto (Brown, 2023, p. 101, tradução nossa).

Esse ponto já havia sido discutido por Brown no texto *The Vocation of the Public University*, em que ela defendia a necessidade de as universidades públicas produzirem conhecimento, também nas Humanidades, voltado para os problemas contemporâneos que desafiam tanto a vida comum, quanto a viabilidade do futuro. Essa questão aparece no livro *Nihilistic Times* quando Brown problematiza um tema muito discutido com a ascensão do autoritarismo: a liberdade acadêmica. Ainda que ela seja importante, principalmente, pelas diversas disputas políticas por parte da direita, para Brown há outra dimensão que não deve ser deixada de lado, a saber, a responsabilidade acadêmica: “possivelmente, a questão mais importante ao professorado hoje não é ‘o que nós temos direito de dizer e fazer dentro ou fora da sala de aula’, mas ‘que currículos e pedagogias contribuem para educar e empoderar os cidadãos nestes tempos?’” (Brown, 2023, p. 101, tradução nossa).

Brown expressa a preocupação com a vocação da universidade no sentido de formar cidadãos capazes de enfrentar os diversos problemas que assolam o presente e ameaçam o futuro. Para isso, defende Brown, é necessário discutir em sala de aula os valores, considerados mais do que “opiniões, ideologias, lealdades partidárias ou religiosas, mas também como mais do que distrações do empírico, técnico, instrumental ou prático” (Brown, 2023, p. 102, tradução nossa). Eles precisam ser investigados como constituintes de visões de mundo, nos seus aspectos culturais, econômicos, entre outros, entrelaçados a poderes e racionalidades que governam a vida. Essa investigação sobre os valores seria uma forma de se contrapor ao niilismo contemporâneo, mas também às pressões que afetam as universidades e as conformam à racionalidade neoliberal, que as levam a priorizar as áreas de conhecimento “*Stem*” sobre outras. Tal priorização, para a autora, ameaça “o local remanescente mais importante para uma reflexão profunda e informada sobre o mundo, e não poderia surgir em um pior momento na história” (Brown, 2023, p. 103, tradução nossa). Para Brown, não há praticamente área alguma das universidades que não possa tratar dos assuntos que são hoje fundamentais. Exemplos de questões para serem trabalhadas em sala de aula seriam:

PETRY, F. B.

“Em que mundo você quer viver?”

“Como os humanos deveriam ou poderiam ordenar nossos arranjos comuns nesta conjuntura da história mundial?”

“Que tabela de valores deve organizar nossa existência – Sustentabilidade? Liberdade? (De que tipo?) Tolerância mútua ou reconhecimento das diferenças? Igualdade? (De que tipo?) Famílias ou parentesco alternativo? (De que tipo?) Trabalho significativo ou abolição do trabalho? Religião protegida ou diminuída? Instituições mundiais ou locais?”

“Como os poderes e tecnologias inventados e desencadeados pelos humanos produziram formas específicas de ser humano e de ocupar e destruir o planeta? Como podemos confrontar os medos e o desespero relacionados à nossa conjuntura atual sem sermos arruinados por eles? O que precisamos saber e pensar, portanto, estudar, a fim de abordar essas e outras questões relacionadas de uma forma profunda e cuidadosa?” (Brown, 2023, p. 104, tradução nossa).

Questões como essas desafiam a reflexão na medida em que colocam os valores como objetos de investigação, recusando sua instrumentalização, trivialização e hiperpolitização, fenômenos que Brown associa ao niilismo contemporâneo, conforme apontado anteriormente. Elas vão ao encontro das preocupações das novas gerações, as quais, segundo Brown, apresentam uma peculiaridade por estarem experienciando um mundo pré-apocalíptico – que na verdade todos nós estamos vivendo –, uma falta de perspectiva de futuro conjunto, ao mesmo tempo em que precisam responder às várias demandas ligadas ao neoliberalismo, já internalizadas como busca pela realização segundo a ideia de capital humano (Brown, 2023). Um modo de enfrentar esse cenário pode ser realizado por meio do ensino dirigido à formação de uma cidadania consciente, capaz de visualizar um futuro coletivo, de participar de maneira inteligente na democracia e de cultivar o apreço pelas práticas acadêmicas na sua dimensão intelectual (Brown, 2023). Assim, diz Brown, pode-se buscar com o trabalho acadêmico, por um lado, aquilo que Weber defendia, clareza e senso de responsabilidade, mas também outras

[...] duas coisas que o seu programa não faz: primeiro, visa tornar os estudantes mais mundanos e incitar seu engajamento com o mundo, tanto como eles o encontram, quanto como eles o podem imaginar alternativamente; segundo, trata os valores como elementos inerradicáveis do aprendizado sobre o mundo tal como ele é, ou seja, como integrado ao que ele [Weber] considerou como o mundo fatural (Brown, 2023, p. 106, tradução nossa).

Dois aspectos importantes ainda tratados por Brown se referem à possibilidade de uma formação voltada à liberdade e ao fortalecimento da democracia. Na medida em que o niilismo é enfrentado, abre-se espaço para se repensar a ideia de liberdade, a qual, no desenvolvimento neoliberal, tem se realizado em um sentido predominantemente individual. Para avançar a concepção de liberdade, cuja inspiração Brown encontra também em Weber, é necessário considerá-la como possibilidade de viver de acordo com os valores nos quais se acredita, algo que a autora identifica ser condição também

para a democracia, afinal, o governo do *demos* requer essa capacidade de construir a vida em comum, contra os poderes e forças que, de forma externa, pretendem moldá-la. Ao colocar os valores como centrais no ensino das universidades, seria possível compreender, criticar, diagnosticar os elementos da realidade que bloqueiam a realização da liberdade e ameaçam a democracia. Embora a academia não seja entendida por Brown como lugar de luta política, ela pode promover as condições para que a defesa de um projeto viável de presente e futuro aconteça. Nesse sentido, a autora considera a sua sugestão de reorientação dos currículos revolucionária, e “[...] ainda assim, foi o velho e conservador Weber quem a inspirou” (Brown, 2023, p. 107, tradução nossa).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos seus escritos mais recentes, Brown se preocupa em identificar formas pelas quais as universidades públicas podem se opor à racionalidade neoliberal. Sua inspiração em Weber, que é instigante e ao mesmo tempo desafiadora, busca reorientar as finalidades da universidade de maneira a se vincular com os problemas que hoje ameaçam a democracia, a vida partilhada e os projetos de futuro. Nesse contexto, a crítica de Brown ao sentido individualizado de liberdade defendida no contexto neoliberal é central à compreensão da reorientação necessária às universidades para que possuam uma vocação pública. Além de a pesquisa dever ser dirigida a questões que dizem respeito à vida comum na atualidade e a sua viabilidade futura, também o ensino pode colocar em questão os valores que orientam a organização da vida política, cultural, econômica, etc. A questão do acesso à formação não é negligenciada por Brown, que vê nas políticas de inclusão, incluindo as ações afirmativas, uma forma importante de promover justiça social.

Nesse sentido, a universidade pode realizar sua vocação pública, promovendo uma formação cidadã, capaz de refletir sobre os obstáculos colocados à liberdade e à democracia na sociedade contemporânea. Ao fazer isso, ela enfrenta, ainda, o niilismo presente na cultura atual para além de uma mera resistência, criando espaço para a construção e defesa de valores alternativos aos neoliberais. Contudo, a luta por eles deve ocorrer na esfera política, não na academia. A vocação atribuída aos professores e também à universidade não deveria ser confundida com a vocação própria da política.

Ainda que as ideias de Brown possam ser ponderadas e criticadas, especialmente, devido a aspectos que se referem mais especificamente ao contexto norte-americano, elas se mostram fundamentais para a reflexão sobre como a educação pode enfrentar hoje o neoliberalismo e seus efeitos na cultura contemporânea. Mais do que examinar criticamente a influência neoliberal em práticas acadêmicas, a interpretação de Brown contextualiza o *ethos* acadêmico em uma cultura contemporânea cuja marca neoliberal aparece no seu caráter antidemocrático e niilista, o que traz exigências mais complexas à educação e, de forma mais específica, às universidades públicas. Brown mostra que a hegemonia conquistada pelo neoliberalismo pode ser enfrentada na política e na ciência, mas que cabe a cada esfera agir de acordo com a vocação que permite a realização das suas finalidades. É por meio

PETRY, F. B.

da delimitação dessas esferas que a democracia pode ser, segundo Brown, de alguma forma renovada.

Artigo recebido em: 09/04/2024
Aprovado para publicação em: 29/07/2024

THE VOCATION OF THE CONTEMPORARY PUBLIC UNIVERSITY FROM THE STANDPOINT OF WENDY BROWN'S CRITIQUE

ABSTRACT: This article examines in particular two writings of Wendy Brown about the vocation of the public university: *The Vocation of the Public University* (2017) and *Nihilistic Times: Thinking with Max Weber* (2023). They will be analyzed in relation to neoliberalism diagnoses developed by the author since the publication of *Undoing the Demos: Neoliberalism's Stealth Revolution* (2015). It will be shown how Brown's critique of contemporary antidemocratic and nihilistic culture captures the existing tensions in higher education: while contemporary public universities are oriented by the dominant neoliberal rationality, it is also possible to think about ways to counter such hegemony. This possibility relies mostly on ascribing a vocation to public university that builds up the conditions for democracy, threatened by neoliberalism, which implies rethinking the notion of freedom, as well as reconfiguring the spheres of politics and science.

KEYWORDS: Wendy Brown; Neoliberalism; University; Democracy.

LA VOCACIÓN DE LA UNIVERSIDAD PÚBLICA CONTEMPORÁNEA A PARTIR DE LA CRÍTICA DE WENDY BROWN

RESUMEN: El artículo se dedica a examinar especialmente dos escritos de Wendy Brown sobre la vocación de la universidad pública: *The Vocation of the Public University* (2017) y *Nihilistic Times: Thinking with Max Weber* (2023), analizándolos en diálogo con los diagnósticos sobre el neoliberalismo que viene desarrollando la autora desde la publicación de *Undoing the Demos: Neoliberalism's Stealth Revolution* (2015). El objetivo es mostrar cómo la crítica de Brown a la cultura antidemocrática y nihilista contemporánea captura las tensiones presentes en la educación superior: al paso que las universidades públicas contemporáneas se ven orientadas según la racionalidad neoliberal dominante, sería todavía posible construir formas de disputar hegemonía. Dicha posibilidad, como se enfatiza al largo del texto, reside sobre todo en atribuir a las universidades públicas una vocación que fortalezca las condiciones para la realización de la democracia, amenazada por el neoliberalismo. Eso exigirá repensar la noción de libertad, así como reconfigurar las esferas de la política y de la ciencia.

PALABRAS CLAVE: Wendy Brown; Neoliberalismo; Universidad; Democracia.

NOTA

1 - O presente trabalho foi realizado com apoio do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD).

REFERÊNCIAS

- BROWN, W. Neoliberalized Knowledge. **History of the Present**, v. 1, 2011a, p. 113–129. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/history-of-the-present/article-abstract/1/1/113/155716/Neoliberalized-Knowledge?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- BROWN, W. The End of Educated Democracy. **Representations**, v. 116, n. 1, 2011b, p. 19–41. Disponível em: <https://online.ucpress.edu/representations/article-abstract/116/1/19/81607/The-End-of-Educated-Democracy?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 12 ago. 2024.
- BROWN, W. **Undoing the Demos: Neoliberalism's Stealth Revolution**. New York: Zone Books, 2015.
- BROWN, W. The Vocation of the Public University. In: JØRGENSEN, Anton B.; JUSTESEN, J. J.; BECH, N.; NYKROG, N.; CLEMMENSEN, R. B. **What is Education? An Anthology on Education**. Copenhagen: Problema, 2017.
- BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente**. Trad. Mario A. Marino, Eduardo Altheman S. Santos. São Paulo: Editora Politeia, 2019a.
- BROWN, W. The Vocation of the Public University. In: BHATTACHARYA, D. (Org.). **The Idea of the University**. Histories and Contexts. New York: Routledge, 2019b.
- BROWN, W. **Nihilistic Times: Thinking with Max Weber**. Cambridge/Massachusetts/London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2023.
- HUMBOLDT, W. von. Teoria da formação do ser humano. In: HEIDERMAN, W.; WEININGER, M. J. (Org.). **Wilhelm von Humboldt: linguagem, literatura, Bildung** (edição bilingue). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.
- HUMBOLDT, W. von. **The Limits of State Action**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

PETRY, F. B.

WEBER, M. **Ciência e política**: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 2015.

FRANCIELE BETE PETRY: Doutora em Filosofia (UFSC), com realização de Doutorado Sanduíche Capes-Daad junto à Goethe-Universität Frankfurt, Alemanha, e Doutora em Educação (UFSC). Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFSC. Dedicou-se à pesquisa sobre temas da Teoria Crítica e da Filosofia da Educação nas suas interlocuções com a Filosofia Política e com a Estética.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3646-9228>

E-mail: franciele.b.petry@ufsc.br

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 4.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).